



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
ESCOLA DE CIÊNCIAS SOCIAIS E DE SAÚDE
CURSO DE GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM

**A PRODUÇÃO CIENTÍFICA NACIONAL ACERCA DOS DESAFIOS E
PERSPECTIVAS DE CONTROLE DO HIV NA POPULAÇÃO JOVEM**

GOIÂNIA

2021

ANA PAULA SOUZA RIOS

**A PRODUÇÃO CIENTÍFICA NACIONAL ACERCA DOS DESAFIOS E
PERSPECTIVAS DE CONTROLE DO HIV NA POPULAÇÃO JOVEM**

Estudo realizado para fins de avaliação do Trabalho de Conclusão de Curso III - Eixo Temático 38 Prática da Produção Científica II do Curso de Graduação em Enfermagem da Pontifícia Universidade Católica de Goiás.

Linha de Pesquisa: Promoção da Saúde.

Eixo Temático: Educação nas Práticas de Atenção e Cuidados à Saúde.

Orientadora: Prof.^a M.^a Maria Aparecida da Silva

GOIÂNIA

2021

DEDICATÓRIA

A minha avó Izaurina e minha tia Almeida (in memoriam) que mesmo sem terem tido a oportunidade de estudar e se capacitarem, sempre dedicaram suas vidas a ajudar e cuidar do próximo com amor e empatia.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus que é tudo em minha vida, meu sustento e minha fortaleza, que me capacitou e me permitiu concluir o curso, apesar das dificuldades.

Agradeço a toda minha família e em especial minha mãezinha, Lindalva, que sempre acreditou em mim e não me deixou desistir.

Agradeço a Professora Maria Aparecida da Silva pela sua orientação, dedicação e paciência comigo ao longo deste ano na construção deste estudo.

Aos Professores Carlos Ferreira de Lima e Damiana Aparecida A. C. Moreira, por todos os ensinamentos passados a mim no decorrer do curso e que aceitaram meu convite para compor a Banca Avaliadora deste estudo.

A professora Lorena Aparecida de Oliveira Araújo que sempre me apoiou e me ensinou muito, para além das paredes da universidade.

A todos os professores que dedicam suas vidas a nós estudantes, com empenho e amor, nos transmitindo todo seu conhecimento e contribuem para que sejamos profissionais capacitados e humanos.

Enfim, agradeço a todas as pessoas que sempre me incentivaram e fizeram parte dessa etapa decisiva em minha vida.

RESUMO

Introdução: Aids é uma infecção sexualmente transmissível causada pelo HIV prevalente em todo o mundo, constituindo um problema de saúde pública. Os jovens adultos de 15 a 24 anos, estão mais susceptíveis em razão da prática de relações sexuais desprotegidas. Apesar dos investimentos no controle do HIV, os estudos mostram que os números de contágios têm aumentado em todo o país, o que pressupõe desafios e perspectivas de controle do HIV na população jovem. **Objetivos:** Analisar os desafios para o controle e prevenção da transmissão do HIV na população jovem, na perspectiva de apontar as possibilidades de ações multiprofissionais integradas. **Método:** Estudo de revisão narrativa tradicional da literatura que envolveu ações de localizar, sintetizar, analisar e interpretar todo o material científico recolhido e inserido na análise bibliográfica detalhada. Todo o referencial teórico foi levantado das bases de dados *Google Acadêmico*, SciELO, Lilacs, Portal de Periódicos da Capes e BVS, das quais foram selecionados um total de 15 referenciais. Desses, 12 artigos científicos originais, uma dissertação e dois guias, todos publicados na íntegra e Língua portuguesa no período de 2011 e 2020. **Resultados e discussão:** Os anos 2017, 2015 e 2014 concentram o maior quantitativo de referenciais publicados sobre o tema com 60%, sendo a área de enfermagem e saúde coletiva publicaram 66,6% desse referencial e 100% dos estudos adotaram a abordagem qualitativa. Apesar da relevância do tema para a área da saúde e da sociedade, há alguns espaços abertos ainda não alcançados nesses estudos, já que ainda é necessário encontrar formas para que os resultados obtidos pelos autores cheguem até aos jovens, para que eles consigam reconhecer os riscos pelos quais passam, quando ignoram os estragos que a aids pode deixar neles. Os jovens adultos reconhecem que o uso do preservativo é o melhor meio de prevenir a contaminação por HIV e outras IST, porém muitos não o fazem, adotando assim um comportamento de risco. É de extrema importância o envolvimento e interação de toda equipe multiprofissional, assim como profissionais da educação para colaborar com esses jovens para valorizarem os riscos de contaminação com HIV aos quais estão expostos. Nesse cenário os desafios são muitos, e devem ser encarados de frente pelas equipes profissionais, governo e toda comunidade, para que se consiga alcançar melhor controle do aumento de jovens contaminados com HIV. **Considerações:** É necessário primar pela formação continuada dos profissionais de saúde que lidam com o público jovem, para que estejam sempre preparados para acompanhar as mudanças constantes que ocorrem na sociedade e a população jovem. O mundo vive em constante transformação e cabe aos profissionais da saúde a atenção e o acompanhamento dessas mudanças, para que, oportunamente, realizem o atendimento de qualidade com humanização, para que os usuários se sintam sempre acolhidos e amparados na rede de saúde. Assim, espera-se alcançar o controle da disseminação do HIV, entre outras IST, e reduzir, o número de casos de jovens infectados, quanto minimizar os efeitos negativos quando ele já tiver sido infectado.

Palavras Chave: HIV. Aids. Jovens. Contaminação. Enfermagem.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

A - Artigo

AD - Artigo e Dissertação

Aids - Síndrome da Imunodeficiência Adquirida

ART - Antirretroviral

AZT - Azidotimidina

BVS - Biblioteca Virtual em Saúde

D - Dissertação

G - Guia

HIV - Vírus da Imunodeficiência Humana

IST - Infecções Sexualmente Transmissíveis

Lilacs - Literatura Latino-americana e do Caribe em Ciências da Saúde

MS - Ministério da saúde

ONU - Organização das Nações Unidas

PEP - Profilaxia pós-exposição

PrEP - Profilaxia pré-exposição

RB - Referencial Bibliográfico

SciELO - *Scientific Electronic Library Online*

UNAIDS - *Joint United Nations Programme On Human Immunodeficiency Virus/Acquired Immunodeficiency Syndrome*

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadros

Quadro 1 - Artigo e Dissertação.....	16
Quadro 2 - Guia.....	17
Quadro 3 - Autores selecionados e incluídos no presente estudo.....	23

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	9
1.1	Temática do estudo.....	9
2	OBJETIVOS.....	12
3	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICO.....	13
4	RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	15
4.1	Caracterização do referencial bibliográfico.....	15
4.2	Fatores de riscos aos quais os jovens estão expostos à contaminação com o HIV.....	17
4.3	Ações multiprofissionais integradas para redução da disseminação do HIV na população jovem.....	19
4.4	Desafios e perspectivas de controle do HIV na população jovem.....	21
5	CONSIDERAÇÕES	24
	REFERÊNCIAS.....	26

1 INTRODUÇÃO

1.1 A temática de estudo

Considerando todos avanços científicos e aparatos adquiridos ao longo de quase 40 anos do surgimento do primeiro caso da Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (Aids) pode-se afirmar que ainda há muito a ser discutido, feito e trabalhado, já que os jovens têm sido, nos últimos anos, o centro da contaminação com agentes sexualmente transmissíveis, até então controlados, apesar do aumento dos novos casos, especialmente os de sífilis e da Aids.

Neste sentido, o que mais nos chama a atenção, é o fato de que, apesar dos esclarecimentos e meios de divulgação quanto a prevenção da Aids na rede pública, observa-se que os casos de infecção têm aumentado a cada dia, principalmente entre o público jovem de 16 a 24 anos. Esse contexto gera uma série de reflexões sobre a eficiência do trabalho dos profissionais da saúde coletiva quanto à prevenção, controle e educação em saúde dessa parcela da população. Além das questões referentes a atitudes e comportamentos dessa geração frente aos riscos de contaminação com o Vírus da Imunodeficiência Humana (HIV).

Os primeiros casos foram detectados na África e nos Estados Unidos e a pandemia passou a adquirir importância a partir dos anos de 1980. O primeiro caso de HIV diagnosticado no Brasil foi em 1982. O HIV é um vírus que afeta e destrói células específicas do sistema imunológico, as células TCD-4 ou células T do organismo, que são células assim nomeadas por serem produzidas pelo Timo e por terem em sua constituição proteínas CD4 e CD8. Essas células são carregadas pelos fluídos corporais, através da relação sexual (vaginais, anais ou orais) desprotegida, transmissão vertical durante a gravidez, no parto ou durante a amamentação, transfusões sanguíneas, transplantes de órgãos e compartilhamento de materiais contaminados. O organismo se torna vulnerável a infecções e cânceres acarretando as chamadas doenças oportunistas, então quando o número de células TCD-4 cai abaixo de 200 células/mm³, é considerado que a doença progrediu do HIV para a aids (BRASIL, 2016).

Contudo, o corpo humano não consegue se livrar do vírus após contaminado, o que faz com que os cientistas permaneçam em estudos a procura de uma possível “cura”. O tratamento se dá através de antirretroviral (ART), assim aumentando a expectativa de tempo de vida do portador do vírus e a diminuição das chances de transmissão. O primeiro fármaco antirretroviral a azidotimidina (AZT) usado para tratar o HIV surgiu em 1987, e passou a ser fabricado no Brasil em 1995. Em 1986 surgem as primeiras campanhas de prevenção e conscientização na luta contra o HIV no país durante o carnaval, e a Organização das Nações Unidas (ONU), escolhe o dia 1º de dezembro como dia mundial de luta contra a aids (UNAIDS, 2016).

Uma das formas de prevenção mais eficazes é o uso do preservativo durante as relações sexuais. Para fortalecer a prevenção e reduzir os riscos de infecção pelo HIV, o Ministério da Saúde (MS) em 2004 implanta a profilaxia pós-exposição (PEP), inicialmente, disponibilizada para os profissionais de saúde que poderiam ter sido expostos ao HIV após acidentes de trabalho com materiais perfuro cortantes, ou para vítimas de violência sexual. Em 2010 essa medida se torna mais abrangente e se insere no âmbito da prevenção combinada que consiste na prescrição de medicamentos em até 72 horas após o contato do indivíduo com o possível vírus (UNAIDS, 2018).

O tratamento com uso da PEP dura 28 dias e o atendimento é considerado de emergência para o qual deve-se seguir rigorosamente as orientações previstas no Protocolo Clínico e Diretrizes Terapêuticas para Profilaxia Antirretroviral Pós-Exposição de Risco à Infecção pelo HIV. As diretrizes orientam para adoção de alguns critérios, como avaliação do risco de exposição, esquema antirretroviral para PEP, outras medidas no atendimento à pessoa exposta e acompanhamento clínico-laboratorial (UNAIDS, 2018).

Após o reconhecimento dos benefícios da PEP, em 2012 foi implantada outra estratégia de profilaxia pré-exposição (PrEP) que consiste no uso diário de antirretrovirais por pessoas não infectadas pelo HIV, com o intuito de reduzir o risco de infecção pelo vírus nas relações sexuais. O seu uso correto reduz em mais de 90% o risco de infecção pelo HIV. A PrEP é indicada para pessoas consideradas mais vulneráveis, como pessoas trans, profissionais do sexo, homossexuais e casais soro diferentes (BRASIL, 2018).

A eficiência da proteção promovida pela PrEP está relacionada à adesão, por isso é necessária a tomada diária das doses indicadas, devendo ser somada juntamente com outras medidas de prevenção, como o uso de preservativos. Assim se faz necessário estudos rigorosos diante da adoção do uso da PrEP, é preciso avaliar custo benefício, diante dos efeitos colaterais apresentados pelas medicações, e o fato de não ser um método com 100% de eficácia, e conseqüentemente continuar se fazendo fundamental o uso do preservativo, que em muitas das vezes o paciente que está em uso da PrEP acaba por abandonar o preservativo, e continua exposto ao risco (BRASIL, 2018).

Em conjunto com as medidas de prevenção e tratamento, em 2014 em Paris aconteceu o encontro da Declaração Política da Assembleia Geral das Nações Unidas sobre o Fim da AIDS, ocasião na qual criou-se o documento “Declaração de Paris” com a meta 90-90-90. Nesse documento os países participantes se comprometeram a levar a testagem e tratamento do HIV para maioria das pessoas que vive com o vírus até o final de 2020 e reduzir a carga viral, de

modo que a expectativa é erradicar a pandemia até o ano de 2030. A meta 90-90-90 prevê que 90% das pessoas que contraíram o vírus saibam que vivem com o mesmo, 90% das pessoas que sabem que possuem o HIV recebam o tratamento antirretroviral e 90% das pessoas em tratamento antirretroviral estejam com a carga viral indetectável (BONES *et al.*, 2018).

Apesar do avanço da ciência a contaminação por HIV continua matando muitas pessoas todos os anos no país, como mostra as estatísticas nacionais, 327.655 pessoas já morreram de doenças relacionadas à AIDS como causa básica desde o início da pandemia até dezembro de 2017. Cerca de 6.000 jovens entre 16 e 24 anos são infectados pelo HIV mundialmente por semana, sendo que na África, quatro de cada cinco novos casos ocorrem com meninas. Mais de um terço (35%) das mulheres do mundo sofrem algum tipo de violência física/sexual por pessoas do seu convívio o que faz aumentar a probabilidade de contrair o HIV, quando comparada às mulheres que não são vítimas deste tipo de violência (UNAIDS, 2016).

Os dados do MS mostram que 73% (30.659) dos novos casos de HIV em 2017 ocorrem no sexo masculino e um em cada cinco novos casos de HIV estão entre homens de 15 a 24 anos. Entre homens na faixa etária de 20 a 24 anos a taxa de detecção de aids cresceu 133% entre 2007 a 2017, passando de 15,6 para 36,2. Assim, os jovens têm sido alvo das campanhas de conscientização e prevenção ao HIV em todo o país, campanhas de ação conjunta entre governo federal, com as secretarias estaduais e municipais (BRASIL, 2018).

A educação sexual dos jovens é uma temática que, apesar de ser discutida em diversas instâncias da sociedade, ainda carece de maiores evidências nas discussões nos ambientes escolares e no ambiente familiar. Nesta perspectiva, há uma iniciativa de grupos de pesquisas comprometidos com crianças e adolescentes, governos e instituições de saúde, afim de promover políticas de prevenção e controle ao HIV. Isso é um modo de encontrar novos meios de conscientizar e promover a prevenção efetiva, com resultados significativos e mudança do cenário atual (PAIVA *et al.*, 2002).

Assim, emerge a motivação para aprofundar os conhecimentos neste universo, quando se trata de conhecer as causas que anunciam o aumento do número de jovens infectados com HIV, com os seguintes questionamentos: na atualidade, quais os fatores de riscos de contaminação com o HIV os jovens estão expostos? Como os profissionais da saúde estão preparados para a escuta ativa desses jovens, quanto à educação em saúde frente às infecções sexualmente transmissíveis (IST)? Que fragilidades interferem na resposta dos jovens às informações recebidas sobre IST?

2 OBJETIVOS

Geral

Analisar os desafios para o controle e prevenção da transmissão do HIV na população jovem, na perspectiva de apontar as possibilidades de ações multiprofissionais integradas.

Específicos

- Sintetizar a produção científica nacional divulgada *online* acerca dos desafios e perspectivas de controle do HIV na população jovem;
- Identificar os fatores de riscos aos quais os jovens estão expostos à contaminação com o HIV;
- Descrever sobre as ações multiprofissionais integradas para redução da disseminação do HIV na população jovem.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O desenvolvimento do presente estudo foi pautado nas características de uma revisão tradicional voltada para esta temática. Esse processo envolveu as ações de localizar, sintetizar, analisar e interpretar todo o material científico recolhido para ser inserido na análise bibliográfica detalhada. Neste tipo de revisão, incluíram-se materiais publicados sobre o tema em diversas formas, tais como: artigos, dissertações e guias. A aplicação deste método permitiu uma melhor definição do problema e uma visão atualizada sobre o referido tema, sendo viável abordar suas falhas, lacunas e, a partir daí complementar o conhecimento sobre o tema (BENTO, 2012).

Uma das vantagens da revisão bibliográfica está na delimitação do problema de investigação, que possibilitou formar ideia mais clara e objetiva sobre o ele, de modo a abranger novas linhas de investigação e levantar pontos poucos discutidos, rever obras de maior relevância com um novo olhar científico e crítico. Isso evitou abordagens sem muita importância, direcionando para as bases que acrescentaram e que despertaram para estudos futuros pautados nas questões investigadas e passíveis de novas investigações. Ao tomar essa fundamentação como norte deste estudo, entende-se que esse é um bom caminho que possibilitou encontrar respostas de questões ainda não elucidadas frente à presente temática (BENTO, 2012).

Para a busca e seleção do referencial teórico incluídos neste estudo, foram utilizadas, inicialmente, as bases de dados *Google Acadêmico*, *Scientific Electronic Library Online* (SciELO), Literatura Latino-americana e do Caribe em Ciências da Saúde (Lilacs), Portal de Periódicos da Capes e Biblioteca Virtual em Saúde (BVS). A localização dos estudos foi feita com o uso das seguintes palavras-chaves: HIV/AIDS; jovens; contaminação.

Foram consultados e pré-analisados, para inclusão, todo tipo de referencial científico, tais como: artigos científicos originais, manuais, cadernos de saúde, guias, teses, dissertações, entre outros, desde que publicados na íntegra e Língua portuguesa entre os anos de 2011 e 2020. A coleta e o registro dos dados dos referenciais teóricos selecionados foram feitos em um formulário para facilitar a organização e análise e interpretação dos dados e informações. Esse instrumento deu origem aos Quadros 1 e 2, apresentados nos resultados deste estudo.

Com o material teórico coletado e organizado, ele passou pelo processo de leitura crítica e minuciosa, mediante a classificação, codificação, caracterização e categorização para a análise e interpretação. Essa etapa teve como finalidade excluir informações pouco importantes para o estudo, incluir ou reincluir as informações relevantes e compatíveis com a temática e com os

objetivos do trabalho. Essa estratégia facilitou a interpretação, as mudanças e ajustes dos pontos onde ainda poderiam avançar nas pesquisas, além de esclarecimentos quanto a realidade e identificação de lacunas a serem resolvidas. A partir da caracterização dos dados de cada referencial teórico dos autores incluídos neste estudo (Quadro 3) e da compreensão dos conteúdos apresentados por cada um, foi construída essa síntese entendida como revisão tradicional da literatura, proposta neste estudo.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 Caracterização do referencial bibliográfico (RB)

O levantamento do referencial bibliográfico teve início com uma busca aberta nas bases de dados selecionadas previamente. Esse processo possibilitou localizar, entre artigos, dissertações, guias e teses, um total de 20.698, dos quais 11.200 no *Google* acadêmico (54, 1%), 9.200 na Lilacs (44,4%), 130 na SciELO (0,7%), 100 na BVS (0,48%) e, 68 referenciais no Portal da Capes (0,32%). Após uma seleção mais criteriosa com aplicação dos filtros e exclusão dos referenciais repetidos restaram 63, que, ao fazer nova releitura chegou-se a um quantitativo de 15 referenciais incluídos neste estudo, sendo 12 (80%) artigos, dois (13,4%) guias e uma (6,6%) dissertação. A busca dos materiais bibliográficos, inicialmente, levou à localização de um grande quantitativo de publicações com proximidade ao presente tema de estudo. Mas, com aplicação dos critérios de exclusão e inclusão, esse universo de referenciais foi reduzido, uma vez que, poucos tiveram pertinência com os objetivos e a temática.

No que se refere ao ano de publicação (Quadros 1 e 2), 2017, 2015 e 2014 absorvem o maior quantitativo, nove (60%) de publicações, sendo três em cada ano. Os demais anos, 2019, 2018, 2016, 2013, 2012 e 2011 somam seis (40%) de referenciais, sendo um publicado em cada ano. Os dados mostram uma regularidade nas publicações acerca do tema no período estudado, porém não se pode afirmar que nos demais anos o tema não tenha sido estudado com a mesma intensidade que nos anos 2017, 2015 e 2014. Nota-se que, as publicações, apesar de escassas nos outros anos, ainda se mantiveram contínuas.

Quanto à área de publicação, destacam quatro, sendo a de enfermagem e da saúde coletiva as que absorvem o maior quantitativo de referenciais, sendo dez (66,6%) das publicações, das quais cinco, em cada uma. A área médica e de psicologia despontam com cinco (33,4%) das publicações. Com esses dados evidencia-se a enfermagem e a saúde coletiva quanto à produção e investigação sobre o tema no período do estudo (Quadros 1 e 2).

Quando se avalia a tendência da quantidade de autores que participam da mesma produção científica, vê-se que predominam os estudos com a participação de quatro (A2, A6 e A8) e três (A4, A3, A8) autores, correspondendo a (46,6%) das referências. As outras bibliografias variam com a participação de um (D1), dois (A1), cinco (A12), seis (A9, A10), sete (A7), oito (G1) e até 13 (G2) autores, totalizando (53,4%) dos 15 materiais publicados (Quadros 1 e 2).

Diante dos dados, pode-se verificar que a produção de estudos com a participação de mais de dois autores ainda predomina, porém poucos se caracterizam com mais de quatro autores, pois sabe-se que, os periódicos, em geral, não têm aceito com tanta facilidade, para publicação, estudos com grande quantidade de autores, principalmente se for artigo, o que regularmente não acontece com a publicação de livros, guias, entre outros que, pela própria natureza da bibliografia, é comum haver mais de uma autoria, como no caso dos Guias 1 e 2 (Quadros 1 e 2).

Quanto à abordagem adotada pelos autores nos estudos, a qualitativa supera com (100%). Com relação aos tipos de estudos utilizados pelos pesquisadores das 13 produções, o descritivo soma a maioria, 11 (84,6%), o tipo analítico e exploratório totaliza dois (15,4%). Nesse caso, identifica-se uma convergência de abordagem entre os autores e predomínio do tipo de estudo descritivo (Quadro 1).

Ao finalizar essa caracterização dos 15 referenciais, publicados no período de 2011 a 2020, acredita-se que, apesar da relevância do tema para a área da saúde e da sociedade, há alguns espaços abertos ainda não alcançados nesses estudos, já que ainda é necessário encontrar formas para que os resultados obtidos pelos autores cheguem até aos jovens, para que eles consigam reconhecer os riscos pelos quais passam, quando ignoram os estragos que a aids pode deixar neles.

Quadro 1 - Artigo e Dissertação (AD)

Código (AD)	Título do referencial	Ano de publicação	Área de publicação	Base/ Periódico	Quant. Autores	Abordagem	Tipo de estudo
A1	Prevenção de HIV/aids na concepção de jovens soropositivos	2019	Médica	SciELO/Revista de saúde publica	02	Qualitativa	Descritivo
A2	Características de personalidade e adesão ao tratamento em pacientes jovens portadores de HIV	2018	Psicologia	BVS/Sociedade Brasileira de psicologia hospitalar	04	Qualitativa	Descritivo
A3	Fatores de risco e de proteção entre adolescentes em relação ao HIV/aids	2017	Enfermagem	GOOGLE ACADEMICO/Revista de enfermagem UFPL <i>online</i>	05	Qualitativa	Descritivo
D1	O perfil do atendimento especializado- SAE, Goiânia-Goiás	2017	Saúde coletiva	CAPES/Biblioteca digital de teses e dissertações UFG	01	Qualitativa	Descritivo
A4	Infecção pelo HIV em adolescentes do sexo masculino: um estudo qualitativo	2015	Médica	SciELO/Ciências e saúde coletiva	03	Qualitativa	Descritivo
A5	Significados a respeito do HIV para escolares jovens e adultos	2015	Enfermagem	GOOGLE ACADEMICO/Arquivos de ciências da saúde	04	Qualitativa	Descritivo
A6	Infecção pelo HIV em adolescentes do sexo feminino: um estudo qualitativo	2015	Médica	SciELO/Revista <i>Panam Salud Publica</i>	03	Qualitativa	Descritivo

Continua Quadro 1							
A7	Concepção de jovens sobre o HIV/aids e o uso de preservativos nas relações sexuais	2014	Enfermagem	LILACS/Revista Gaúcha de enfermagem	07	Qualitativa	Descritivo
A8	Comportamento sexual de risco em jovens: aspectos cognitivos e emocionais	2014	Psicologia	SciELO/Revista Psico-USF	03	Qualitativa	Descritivo
A9	Fatores associados a infecção pelo HIV/aids entre adolescentes e adultos jovens matriculados em centro de testagem e aconselhamento no estado da Bahia, Brasil	2014	Saúde coletiva	SciELO/Ciências e saúde coletiva	06	Qualitativa	Análítico
A10	Conhecimento e comportamento sexual dos universitários diante a vulnerabilidade ao HIV/aids	2013	Saúde coletiva	Google acadêmico/Revista baiana de saúde pública	06	Qualitativa	Descritivo
A11	Conhecimento e atitudes de adolescentes de uma escola pública sobre a transmissão sexual do HIV	2012	Enfermagem	Google acadêmico/Revista brasileira de enfermagem	04	Qualitativa	Exploratório
A12	Conhecimentos e crenças sobre doenças sexualmente transmissíveis e HIV/aids entre adolescentes e jovens de escolas públicas estaduais da região oeste de Goiânia	2011	Enfermagem	Google acadêmico/Revista de patologia tropical	05	Qualitativa	Descritivo

Fonte: Referenciais teóricos publicados no período de 2011 a 2020.

Quadro 2 - Guia (G)

Código (G)	Título	Ano de publicação	Área de publicação	Base de dados	Quantidade de autores
G1	Recomendações para atenção integral a adolescentes e jovens vivendo com HIV, aids	2017	Saúde coletiva	Google acadêmico	08
G2	Infecção pelo HIV e aids prevenção, diagnóstico e tratamento na atenção primária	2016	Saúde coletiva	Google acadêmico	13

Fonte: Referenciais teóricos publicados no período de 2011 a 2020.

4.2 Fatores de riscos aos quais os jovens estão expostos à contaminação com o HIV

Nesta categoria discorre-se sobre os fatores de riscos aos quais os jovens estão expostos à contaminação com HIV. Assim, os autores (Quadro 3) abordam os diversos motivos pelos quais os jovens não aderem à prevenção contra a contaminação com HIV. Em todas as produções científicas os autores são unânimes em apontar que a prática de relações sexuais desprotegidas são os principais fatores mais relatados pelo público participante dos estudos.

Entre os fatores de riscos abordados nos estudos A3, A5, A10 e A12, alguns se destacam como os motivos mais frequentes para justificar a não adesão a prevenção, tais como: a crença de que o preservativo diminui o prazer, a confiança na fidelidade do parceiro, a falta de diálogo sobre o uso de camisinha entre os parceiros, os comportamentos impulsivos durante o ato sexual, uma maior preocupação com o uso de anticoncepcional entre as mulheres, e assim acabam por abrir mão do preservativo por focar apenas na possibilidade de gravidez, além do

fato de não ter o preservativo à mão no momento do ato sexual (MESQUITA *et al.*, 2017; ANGELIM *et al.*, 2015; OLIVEIRA *et al.*, 2013; COELHO *et al.*, 2011).

A1, A4 e A6 referem nos seus estudos que existe uma descrença do público jovem quanto a possibilidade de transmissão do HIV, principalmente em relacionamentos em que se tem parceiros fixos, e esse índice aumenta consideravelmente entre as mulheres, que se submetem à sujeição sexual impostas por seus parceiros. Nesse caso a imposição acontece quando a mulher pede ao parceiro para usar o preservativo e esse fato leva à desconfiança de que existe traição no relacionamento. O uso de drogas injetáveis como heroína. A submissão à situações de violência, a homofobia e a exploração sexual comercial também são listados como fatores de risco para a contaminação com o HIV (TAQUETTE; SOUZA, 2015; TAQUETTE; RODRIGUES; BORTOLOTTI, 2019;).

A imaturidade e a falta de experiência durante a adolescência, principalmente quando o ato sexual acontece numa idade precoce, podem reforçar esses motivos e favorecer ao não uso do preservativo, contribuindo com a vulnerabilidade destes sujeitos de acordo com A11. A precocidade do ato sexual coincide com a faixa etária em que o período reprodutivo humano é mais aflorado. Nessa fase, A5 explica que as pessoas são sexualmente mais ativas e com possibilidades de ter maior número de parceiros, ter uma relação passageira de uma noite apenas e que, as vezes acontece até mesmo em locais públicos (ANGELIM *et al.*, 2015; CHAVES *et al.*, 2012).

Apesar dos fatores de riscos serem muito presentes na vida dos jovens, A7 discorre que fazer sexo sem segurança representa “brincar de roleta russa”, ou seja, é jogar com a sorte. Ainda que haja o conhecimento sobre o uso do preservativo, isso não basta para que seja colocado em prática pelas pessoas, pois existem duas razões para que isso aconteça. A primeira passa pelo entendimento de que a aids é um problema crônico e supostamente resolvido e; a segunda razão está na crença de que existem algumas pessoas que possuem determinadas práticas sexuais que as tornam mais vulneráveis e por isso, elas sim, podem adoecer. Outro fator também enumerado nas produções científicas A9 e A8 é o consumo de bebidas alcoólicas e outras drogas que provocam euforia e diminui o discernimento e torna o usuário mais vulnerável (ALMEIDA *et al.*, 2014; PEREIRA *et al.*, 2014; CHINAZZO *et al.*, 2014).

Apesar de essas razões serem imperativas quando comparadas a outras, pode-se levantar uma reflexão sobre as atitudes desse público jovem se não acredita ou se não dá a devida importância quanto aos riscos de transmissão do HIV para outros indivíduos, além de crenças

errôneas ainda persistentes em relação a contaminação pelo vírus. Diante disso, os jovens se colocam em riscos permanentes, favorecendo o aumento de pessoas contaminadas com HIV.

4.3 Ações multiprofissionais integradas para redução da disseminação do HIV na população jovem

No que diz respeito às ações multiprofissionais integradas para a redução da disseminação do HIV na população jovem, os referenciais científicos (Quadro 3) abordam a importância do envolvimento multiprofissional em conjunto com as escolas, famílias e toda a comunidade para que se possa alcançar o público jovem, na perspectiva de promover a redução das infecções pelo vírus HIV. Essas ações dizem respeito à educação continuada, elaboração de políticas públicas abrangentes e a participação de toda a comunidade, família, profissionais, representantes políticos e os jovens, a procura do conhecimento preventivo. Apesar de muitos jovens possuírem informações elementares sobre HIV/AIDS, eles ainda carecem de uma educação efetiva e permanente que envolva o assunto, a fim de adquirir conhecimentos e habilidades, os quais poderão definir mudanças no comportamento sexual dos adolescentes.

Nesta perspectiva, A4, A5 e A8 referem a necessidade de aproximação entre profissionais de saúde, educadores, familiares e comunidade. Essa integração é necessária para que haja implementação e continuidade dos programas educacionais sobre sexualidade, com a adoção dos meios de comunicação os quais são acessados mais facilmente pelos adolescentes, porém devem ter uma linguagem clara, objetiva, dinâmica e lúdica sobre HIV e aids (CHINAZZO *et al.*, 2014; TAQUETTE; RODRIGUES; BORTOLLOTTI, 2015; ANGELIN *et al.*, 2015).

De acordo com A1, A2, A10 e A11, o espaço escolar é visto como o melhor ambiente para se trabalhar ações de educação sexual com os adolescentes, pois é lá que eles passam tempo considerável e é para lá que levam suas dúvidas e esperam que as mesmas sejam respondidas. É dentro do espaço escolar também que o adolescente se sente mais confortável para discutir certos assuntos, já que estão no grupo de iguais com o qual tem afinidade (TAQUETTE; SOUZA, 2019; COSTA *et al.*, 2018; OLIVEIRA *et al.*, 2013; CHAVES *et al.*, 2012).

Ainda nesta perspectiva, A1, A2, A10 e A11 explicam que essas ações educativas com vistas à prevenção de doença e promoção da saúde dos jovens devem ser realizadas em parceria com os profissionais de saúde, educação e a comunidade para que os adolescentes passem a ser sujeitos ativos da sua saúde. É necessária a implementação de serviços de aconselhamento, pois a desinformação e o desconhecimento sobre a transmissão do HIV e seus métodos de prevenção

são alguns dos fatores que tornam os adolescentes mais vulneráveis a infecção ao HIV e outras IST (TAQUETTE;SOUZA 2019; COSTA *et al.*, 2018; OLIVEIRA *et al.*, 2013; CHAVES *et al.*, 2012).

A3, A6 e A9 ressaltam a importância do levantamento e consolidação de indicadores que podem subsidiar políticas e práticas eficazes de prevenção e controle dos principais fatores de exposição, contribuindo assim para mudanças no quadro epidemiológico da aids na adolescência e juventude. A compreensão da magnitude desses aspectos é de extrema importância para subsidiar a implementação de políticas de saúde e ações intersetoriais de educação, saúde e integração social. Em nível nacional, as ações programáticas do Ministério da Saúde direcionadas ao combate e controle da epidemia da aids englobam questões relacionadas aos direitos humanos, permitindo analisar a situação de vulnerabilidade ao HIV, tanto no plano individual quanto no social e programático, levando em conta as questões de gênero e poder, sexismo e homofobia (MESQUITA *et al.*, 2017; TAQUETTE; RODRIGUES; BORTOLLOTTI, 2015; PEREIRA *et al.*, 2014).

As ações educativas das quais falamos G1 e G2, devem visar a prevenção de doenças e a promoção da saúde sexual desses jovens/adultos, já que o diálogo é assimilado positivamente, sendo um fator de proteção que visa minimizar as consequências oriundas das situações de risco. Assim, é necessário que as equipes multiprofissionais articulem, formas de se trabalhar este público, promovendo a adesão ao uso dos meios de prevenção, através de palestras e exposições, entre outros, que possam facilitar o entendimento e aceitação do trabalho por esses jovens (BRASIL, 2017; RIO DE JANEIRO, 2016).

D1 ressalta que a garantia do acesso dos profissionais a todos os bancos de dados e sistemas de informações agiliza o monitoramento e promove a vigilância à saúde contínua desses usuários. As informações obtidas permitem identificar a necessidade de implantação de um sistema de monitoramento local para o atendimento dos usuários com vistas a aperfeiçoar as medidas de intervenção e prevenção na atenção básica (SILVEIRA, 2017).

Nesse cenário, onde se identifica que os jovens, na maioria das vezes, têm a noção dos riscos de contrair o HIV, possuem as informações sobre a melhor maneira de se prevenir, tendo em vista as consequências futuras, se contaminados pelo vírus. Diante disso, faz-se necessário o envolvimento de toda a equipe multiprofissional de saúde, escolas, comunidade, familiares e governantes, para que as informações cheguem até aos jovens de maneira clara. Acima de tudo que elas sejam praticadas em seu cotidiano, nas redes sociais, dentro de seus lares entre seus

familiares, dentro das escolas em suas salas de aula entre professores e alunos, nas unidades básicas de saúde.

4.4 Desafios e perspectivas de controle do HIV na população jovem

Diante dos desafios e perspectivas de controle do HIV na população jovem, em geral, todos os autores que integram esta categoria (Quadro 3) apontam a necessidade de urgentes mudanças para o alcance e controle da disseminação e contaminação dos jovens pelo HIV. Nesse caso, uma das possibilidades é a busca de alternativas para levar esses jovens a adentrar nas unidades de saúde, dando a eles o acesso ao conhecimento seguro de prevenção.

A1 e D1 relatam que atualmente vê-se no Congresso Nacional um retrocesso nas políticas de prevenção do HIV, com o aumento do conservadorismo no Brasil, onde se têm limitado o desenvolvimento e o acesso a campanhas de prevenção. As escolas não discutem gênero, sexualidade, prevenção de HIV. Não há informação e campanhas voltadas para usuários de drogas injetáveis, trabalhadores do sexo, travestis e transexuais, o conservadorismo não está permitindo que campanhas de prevenção e de informação cheguem para a sociedade como algo importante e de urgência a ser discutido e realizado (TAQUETTE; SOUZA, 2019; SILVEIRA, 2017).

No que se refere aos resultados encontrados por A2, A7 e A12, verifica-se é preciso intensificar as ações com abordagens inovadoras, investimentos financeiros do governo para ações efetivas, que quebrem os estigmas e discriminação sobre o assunto. Para se alcançar uma queda considerável no número de casos de contaminação entre os jovens, tais autores mostram a necessidade da implementação de serviços de aconselhamento e assistência à saúde reprodutiva, dirigidas, especificamente a esse grupo populacional. Sugere-se, que ao investir em novas propostas sejam consideradas as desigualdades sociais e as realidades locais de distintas juventudes em diferentes cenários nacionais (COSTA *et al.*, 2018; ALMEIDA *et al.*, 2014; COELHO *et al.*, 2011).

A6, A8, A9 e G1 ressaltam que a boa formação dos profissionais de saúde resulta no aumento da qualidade dos serviços e na melhoria do atendimento da população, sobretudo das populações mais vulneráveis. Para tanto, é necessário desenvolver planos de capacitação voltados ao aprimoramento do conhecimento dos profissionais em suas respectivas áreas de atuação. Recomenda-se trabalhar temas, tais como: intervenções comunitárias; saúde sexual e reprodutiva de adolescentes; manejo clínico de populações mais vulneráveis; diversidade sexual e vigilância epidemiológica. Para que as orientações cheguem até aos os jovens, família

e comunidade, as mesmas devem ser ministradas por profissionais da saúde que sincronizam com a linguagem dos jovens, inserindo-os nesta realidade e dando-lhes voz e vez. Outra estratégia válida também é integrar os soropositivos, para que eles ministrem palestras para mostrar a realidade da vida de quem tem a Aids (TAQUETTE; RODRIGUES; BORTOLLOTTI, 2015; CHINAZZO *et al.*, 2014; PEREIRA *et al.*, 2014; BRASIL, 2017).

Segundo A4 e A5, a descontinuidade das ações e a falta de profissionais capacitados atravessam todos os temas abordados, seja no ambiente escolar ou no espaço de trabalho. Isso dificulta a interação necessária para dar conta das novas gerações, que amadurecem para a vida sexual e reprodutiva. É necessário que esses profissionais sejam capacitados, e assim serão capazes de transmitir informações esclarecedoras pautadas nos meios de prevenção e amadurecimento sexual desses jovens (TAQUETTE; RODRIGUES; BORTOLLOTTI, 2015; ANGELIN *et al.*, 2015).

A3 pontua que, o aconselhamento muitas vezes é ignorado, banalizado ou realizado sem fundamentação teórica nos serviços especializados ou na rede básica. As informações disponíveis sobre as atividades da prevenção são insuficientes e as tomadas de decisão nem sempre correspondem ao necessário para se alcançar os jovens, essa falha pode ser encontrada tanto nas unidades de saúdes governamentais como no setor privado (MESQUITA *et al.*, 2017).

No campo programático, A10 espera uma intensificação das campanhas na mídia, distribuição de camisinha em larga escala e continuidade dos estudos sobre tratamentos e a descoberta da cura. A redução da contaminação entre adolescentes e jovens por doenças de transmissão sexual, incluindo HIV, depende de mudanças de comportamento que viabilizem a prática do sexo seguro (OLIVEIRA *et al.*, 2013).

De acordo com A11 e G2, é de extrema importância a implementação e continuidade dos programas educacionais sobre sexualidade, tanto nos meios de comunicação os quais são acessados mais facilmente pelos adolescentes, devendo ter uma linguagem clara, objetiva, dinâmica e lúdica sobre as IST e aids, quanto dentro das escolas (CHAVES *et al.*, 2012; RIO DE JANEIRO, 2016).

Como pode se perceber são diversos os desafios para se chegar ao controle da contaminação da população jovem pelo HIV, mas que precisam ser encarados de frente e exigem, dos jovens o aprendizado para identificar uma situação de risco e compreender sua vulnerabilidade. Nesta perspectiva, é fundamental para essa população, conhecer as alternativas para se proteger e decidir qual delas é a melhor para cada situação, considerando seus valores pessoais, a consciência do risco e o dimensionamento das consequências posteriores.

Um dos caminhos para se chegar ao controle do aumento do número de jovens contaminados com HIV está no preparo e no fortalecimento de equipes engajadas no trabalho com esses jovens. É necessário que os profissionais tenham sempre disposição e sensibilidade para lidar com eles. É preciso acolhê-los com respeito, sem conservadorismos ou preconceitos. Assim, eles podem sentir confiança no profissional e com isso despertar neles o interesse pelo autocuidado, como se estivessem sendo ouvidos e aconselhados por um amigo.

Quadro 3 - Autores selecionados e incluídos no presente estudo

Código	Autor	Título do Estudo
A1	TAQUETTE, S. R; SOUZA, L. M. B. M., 2019.	Prevenção de HIV/aids na concepção de jovens soropositivos
A2	COSTA, L. M. C. B. V. <i>et al.</i> , 2018.	Características de personalidade e adesão ao tratamento em pacientes jovens portadores de HIV
A3	MESQUITA, J. S. <i>et al.</i> , 2017.	Fatores de risco e de proteção entre adolescentes em relação ao HIV/aids
A4	TAQUETTE, S. R. <i>et al.</i> , 2015.	Infecção pelo HIV em adolescentes do sexo masculino: um estudo qualitativo
A5	ANGELIM, R. C. M <i>et al.</i> , 2015.	Significados a respeito do HIV para escolares jovens e adultos
A6	TAQUETTE, S. R. <i>et al.</i> , 2015.	Infecção pelo HIV em adolescentes do sexo feminino: um estudo qualitativo
A7	ALMEIDA, S. A. <i>et al.</i> , 2014.	Concepção de jovens sobre o HIV/aids e o uso de preservativos nas relações sexuais
A8	CHINAZZO, I. R. <i>et al.</i> , 2014.	Comportamento sexual de risco em jovens: aspectos cognitivos e emocionais
A9	PEREIRA, B. S. <i>et al.</i> , 2014.	Fatores associados a infecção pelo HIV/aids entre adolescentes e adultos jovens matriculados em centro de testagem e aconselhamento no estado da Bahia, Brasil
A10	OLIVEIRA, J. G. <i>et al.</i> , 2013.	Conhecimento e comportamento sexual dos universitários diante a vulnerabilidade ao HIV/aids
A11	CHAVES, A. C.P. <i>et al.</i> , 2012.	Conhecimento e atitudes de adolescentes de uma escola pública sobre a transmissão sexual do HIV
A12	COELHO, R. F. S. <i>et al.</i> , 2011.	Conhecimentos e crenças sobre doenças sexualmente transmissíveis e HIV/aids entre adolescentes e jovens de escolas públicas estaduais da região oeste de Goiânia
D1	SILVEIRA, J. M., 2017	O perfil do atendimento especializado- SAE, Goiânia-Goiás
G1	ROSSI, A. S. <i>et al.</i> , 2017.	Recomendações para atenção integral a adolescentes e jovens vivendo com HIV, aids
G2	OSCAR, L. <i>et al.</i> , 2016.	Infecção pelo HIV e aids prevenção, diagnóstico e tratamento na atenção primaria

Fonte: Referenciais teóricos publicados no período de 2011 a 2020.

5 CONSIDERAÇÕES

O presente estudo emergiu do propósito de aprofundar os conhecimentos quando se trata das causas que anunciam o aumento do número de jovens infectados com HIV, já que os avanços tecnológicos com informações a alcance da população, ainda não deram conta de dar resolutividade ao problema. O aumento do número de jovens contaminados com HIV remete à necessidade de investimentos em pesquisas e estudos mais promissores, a fim de alcançar melhor controle de novas infecções com medicamentos de alta capacidade contra o vírus, e assim obter a cura ou quem sabe, a vacina tão esperada ao longo dos anos.

Com os resultados deste estudo, espera-se que seja possível gerar mais reflexões sobre a problemática, já que se evidencia a necessidade de mudanças nas relações entre profissionais de saúde, pais, jovens e escolas no que diz respeito à sensibilização dos jovens para os riscos aos quais estão expostos a adquirirem IST. Com a atenção pautada na empatia e livre de preconceitos, eles poderão adotar atitudes maduras, já que serão acolhidos e aconselhados, para se sentirem seguros para tomarem a melhor decisão quanto aos meios de prevenção das IST.

Por outro lado, se ainda assim, sofrerem exposição ao HIV que esses jovens estejam preparados para acessarem a unidade de saúde em busca de esclarecimento de suas dúvidas, além de obter informações adequadas sobre realização dos testes e tratamentos quimioprolifáticos aos quais podem ser adotados, tanto na pós exposição ao vírus (PEP), quanto na pré exposição ao HIV (PrEP), por exemplo. Além do mais, no caso da soropositividade ao HIV ter conhecimento de que ele pode ser acompanhado e orientado para aprender a lidar com a nova realidade. Nesta perspectiva é que haverá a aproximação do jovem com o profissional de saúde e o resultado será um acolhimento efetivo.

A partir deste estudo, considera-se a necessidade de primar pela formação continuada dos profissionais de saúde que lidam com o público jovem, para que estejam sempre preparados para acompanhar as mudanças constantes que ocorrem na sociedade e a população jovem. O mundo vive em constante transformação e cabe aos profissionais da saúde a atenção e o acompanhamento dessas mudanças, para que, oportunamente, realizem o atendimento de qualidade com humanização, para que os usuários se sintam sempre acolhidos e amparados na rede de saúde. Assim, espera-se alcançar o controle da disseminação do HIV, entre outras IST, e reduzir, o número de casos de jovens infectados, quanto minimizar os efeitos negativos quando ele já tiver sido infectado.

Ao finalizar este estudo, a expectativa é de que essa temática tenha suas discussões ampliada, de forma que seja divulgada nos ambientes escolares com a inclusão das famílias

como parceiras dos jovens, no que diz respeito aos cuidados com sua saúde sexual. Apesar das dificuldades de abordagem e restrições sobre o assunto, quando se vê questões ideológicas comprometendo as discussões saudáveis e necessárias para a mudança de comportamento dos jovens frente à IST, emerge o investimento em políticas públicas de saúde e de educação sexual mais direcionadas aos jovens, mais apropriadas e mais abrangentes.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, S. A. *et al.* Concepção de jovens sobre o HIV/aids e o uso de preservativos nas relações sexuais. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, 2014, v. 35, n. 1. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rgenf/a/Jhptm6xN7w55qhNBGxHqxMd/?lang=pt>. Acesso em: 14 de março de 2021.
- ANGELIM, R. C. M. *et al.* Significados a respeito do HIV para escolares jovens e adultos. **Arquivos de Ciências da Saúde**, 2015, v. 22, n. 1, p. 96-100. Disponível em: <https://www.cienciasdasaude.famerp.br/index.php/racs/article/view/34/lilacs.bvsalud.org/>. Acesso em: 18 de março de 2021.
- BENTO, A. Como fazer uma revisão da literatura: considerações teóricas e práticas. **Revista JÁ** (Associação Acadêmica da Universidade da Madeira), Lisboa 2012, n. 65, ano VII, p. 42-44.
- BONES, A. A. N. S. *et al.* A educação para o enfrentamento da epidemia de HIV. SciELO Botucatu 10 de julho de 2018. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1414-32832018000501457&lng=en&nrm=iso&tlng=en. Acesso em: 15 de outubro de 2020.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Plano diretor da saúde. Qual é a diferença entre a PrEP e PEP. **Informativo do departamento de condições crônicas e infecções sexualmente transmissíveis**. Ano 2018. Disponível em: <http://www.aids.gov.br/pt-br/faq/qual-e-diferenca-entre-prep-e-pep>. Acesso em: 23 de agosto de 2020.
- _____. Ministério da Saúde. Plano diretor da saúde. **Caderno de Recomendações para Atenção Integral a Adolescentes e Jovens Vivendo com HIV/Aids**. Brasília, 2018. Disponível em: http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/recomendacoes_atencao_integral_hiv.pdf. Acesso em: 23 de agosto de 2020.
- _____. Ministério da saúde. Secretaria de Vigilância em saúde. **Boletim Epidemiológico**, 2018. Disponível em: <http://www.aids.gov.br/pt-br/pub/2018/boletim-epidemiologico-hiv-aids-2018>. Acesso em: 23 de agosto de 2020.
- _____. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde Departamento de DST, Aids e Hepatites Virais. **Recomendações para a atenção integral a adolescentes e jovens vivendo com HIV/aids**, Brasília, 2017. Disponível em: <http://www.aids.gov.br/pt-br/pub/2013/recomendacoes-para-atencao-integral-adolescentes-e-jovens-vivendo-com-hiv-aids-2013>. Acesso em: 20 de março de 2021.
- CHAVES, A. C. P. *et al.* Conhecimentos e atitudes de adolescentes de uma escola pública sobre a transmissão sexual do HIV. **Revista Brasileira de Enfermagem**, 2014, v. 67, n. 1, Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/Y5NYskbYkXSz6WRM9XfB56J/?lang=pt#:~:text=As%20mulheres%20se%20mostraram%20mais.comp%C3%B5em%20a%20vulnerabilidade%20dos%20jovens>. Acesso em: 13 de março de 2021.

CHINAZZO, I. R. *et al.* Comportamento sexual de risco em jovens: aspectos cognitivos e emocionais. **Psico-USF**, Bragança Paulista, 2014, v. 19, n. 1, p. 1-12. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psuf/a/93WfBJSzghKc9pNNCt53HpH/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 17 de março de 2021.

COELHO, R. F. S. *et al.* Conhecimentos e crenças sobre doenças sexualmente transmissíveis e HIV/Aids entre adolescentes e jovens de escolas públicas e estaduais da região oeste de Goiânia. Goiânia. **Revista de Patologia Tropical**, 2011, v. 40, n. 1. Disponível em: <http://bases.bireme.br/cgi-bin/wxislind.exe/iah/online/?IsisScript=iah/iah.xis&src=google&base=LILACS&lang=p&nextAction=lnk&exprSearch=592375&indexSearch=ID>. Acesso em: 17 de março de 2021.

COSTA, L. M. C. B. V. *et al.* Características de personalidade e adesão ao tratamento em pacientes jovens portadores de HIV. **Rev. SBPH**, Rio de Janeiro 2018, v. 21, n. 1. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-08582018000100002. Acesso em: 19 de março de 2021.

MESQUITA, J. S. *et al.* Fatores de risco e de proteção entre adolescentes em relação às DST/HIV/aids. **Revista de Enfermagem da UFPE**, 2017, v. 11, n. 3, p. 1-7. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/26406>. Acesso em: 17 de março de 2021.

OLIVEIRA, J. G. *et al.* Conhecimento e comportamento sexual dos universitários diante a vulnerabilidade ao HIV/aids. **Revista Baiana de Saúde Pública**, 2013, v. 37 n. 3. Disponível em: <https://rbps.sesab.ba.gov.br/index.php/rbsp/article/view/614>. Acesso em: 14 de março de 2021.

PAIVA, V. *et al.* Jovens e adolescentes em tempos de aids reflexões sobre uma década de trabalho de prevenção. **Revista de Psicol. USP**, São Paulo, 2002, v. 13, n. 1. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642002000100004. Acesso em: 13 de setembro de 2020.

PAULA, T. Tipos de estudos epidemiológicos, o que os estudos epidemiológicos podem nos dizer? Como são realizados? **CAPCS/UERJ**, Rio de Janeiro 2019. Disponível em: <http://www.caps.uerj.br/tipos-de-estudos-epidemiologicos/#:~:text=Delineamentos%20observacionais%20anal%C3%ADticos&text=Avaliam%20a%20rela%C3%A7%C3%A3o%20entre%20as.acur%C3%A1cia%20de%20um%20teste%20diagn%C3%B3stico>. Acesso em: 15 de dezembro de 2020.

PEREIRA, B. S. *et al.* Fatores associados à infecção pelo HIV/AIDS entre adolescentes e adultos jovens matriculados em Centro de Testagem e Aconselhamento no Estado da Bahia, Brasil. **Revista de Ciência e saúde Coletiva**, 2014, v. 19, n. 3. Disponível em: <https://www.scielosp.org/article/csc/2014.v19n3/747-758/>. Acesso em: 17 de março de 2021.

RIO DE JANEIRO. Secretaria Municipal de Saúde. Superintendência de Atenção Primária. **Infecção pelo HIV e aids prevenção, diagnóstico e tratamento na atenção primária**, RJ, 2016. Disponível em: http://subpav.org/download/prot/GuiaHIV_AIDS_.pdf. Acesso em: 20 de março de 2021.

SANTOS, V. P. *et al.* Existe relação entre o conhecimento de estudantes a respeito das formas de contágio do HIV/AIDS e suas respostas sobre a proximidade com soropositivos? **Revista Ciência e Saúde Coletiva**, Bahia, 2016, v. 22 n. 8. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/csc/v22n8/1413-8123-csc-22-08-2745.pdf>. Acesso em: 22 de setembro de 2020.

SILVEIRA, J. M. O perfil do serviço de atendimento especializado - SAE, Goiânia-Goiás. **Biblioteca Digital de Teses e Dissertações**. 2017, f.80. Dissertação (Mestrado em Educação) -Universidade Federal de Goiás. Disponível em: [https://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/7468#:~:text=O%20Servi%C3%A7o%20de%20Assist%C3%A2ncia%20Especializada,Adquirida%20\(HIV%2FAIDS\)](https://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/7468#:~:text=O%20Servi%C3%A7o%20de%20Assist%C3%A2ncia%20Especializada,Adquirida%20(HIV%2FAIDS)). Acesso em: 28 de março de 2021.

TAQUETTE, S. R.; SOUZA, L. M. B. M. Prevenção de HIV-aids na concepção de jovens soropositivos. **Rev. Saúde Pública**, 2019, v. 53. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rsp/a/BRtv3SDGbMxHg9ndRwDvTjM/?lang=pt>. Acesso em: 19 de março de 2021.

TAQUETTE, S. R.; RODRIGUES, A. O; BORTOLOTTI, T. R. Infecção pelo HIV em adolescentes do sexo masculino: um estudo qualitativo. **Revista Ciência e Saúde Coletiva**, 2015, v. 20, n. 7. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/RYQBJWjyCkZsZFZWxZBwL3c/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 18 de março de 2021.

TAQUETTE, S. R.; RODRIGUES, A. O; BORTOLOTTI, T. R. Infecção pelo HIV em adolescentes do sexo feminino: um estudo qualitativo. **Revista Ciência e Saúde Coletiva**, 2015, v. 20, n. 7. Disponível em: <https://www.scielo.org/article/rsp/2015.v37n4-5/324-329/>. Acesso em: 18 de março de 2021.

UNAIDS. BRASIL. **Informações Básicas Sobre HIV e a AIDS**. Ano2018. Disponível em: <https://unaid.org.br/informacoes-basicas>. Acesso em: 23 de agosto de 2020.

UNAIDS. BRASIL. **Global Roteiro de prevenção do HIV até 2020**, 2016. Disponível em: <https://hivpreventioncoalition.unaids.org/wpcontent/uploads/2019/09/20190903Roteirodeprev%20en%C3%A7%C3%A3oate2020.pdf>. Acesso em 10 de setembro de 2020.